MICHEL FOUCAULT

por
THALES DE MEDEIROS RIBEIRO¹

thalesmedeirosribeiro@gmail.com

O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo. Se estas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico – então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia. (FOUCAULT, [1966] 1999, p. 536).

Não é uma tarefa fácil desenhar um perfil de Michel Foucault, ainda que se trate de um simples esboço, duplo familiar e dessemelhante à sua feição, rastro análogo a um rosto de areia riscado na orla marítima. Desde sua *arché*, esse rosto está destinado a desaparecer devido aos ventos e às marés-cheias da Contingência.

A dificuldade de esboçar seu perfil é acentuada ainda por outro motivo: sua aversão à figura monárquica do Autor, o tirano que intenta legislar sobre as coisas e os dizeres, a identidade e o sentido, mantendo sobre eles uma soberania eminente. Basta recordarmos os dizeres irônicos do segundo prefácio de *História da loucura na idade clássica*, escrito em 1972 para substituir o controverso prefácio de 1961.²

Sou o autor: observem meu rosto ou meu perfil; é a isto que deverão assemelhar-se todas essas figuras duplicadas que vão circular com meu nome; as que se afastarem dele, nada valerão, e é a partir de seu grau de semelhança que poderão julgar do valor dos outros. Sou o nome, a lei, a alma, o segredo, a balança de todos esses duplos. (FOUCAULT, [1972] 2010, p. VIII).

Em diversas circunstâncias, ele fez uma crítica contundente às noções de autor, obra e comentário, inviabilizando – à primeira vista – uma abordagem biobibliográfica de seu programa e de seu método. O biógrafo de Foucault, Didier Eribon, comenta que o

¹ Doutor em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-Unicamp) e membro do grupo de pesquisa PsiPoliS (Psicanálise, Política, Significante).

² Cf. “Foucault, Derrida e a História da Loucura: notas sobre uma polêmica”, de Pereira Neto (1998).

autor de tais notas críticas, contudo, não estava fora da sociedade em que vivia e era igualmente sujeito às “funções” que tão bem descreveu em seus estudos.³

[Foucault] assinou seus livros, relacionou-os uns com os outros através de um conjunto de prefácios, artigos, palestras que se empenhavam em reconstituir a coerência ou a dinâmica de sua pesquisa, de uma etapa a outra; aceitou o jogo do comentário, participando de colóquios dedicados a seu trabalho, respondendo a objeções, críticas, leituras errôneas ou corretas. Em suma, Michel Foucault é um autor, criou uma obra sujeita ao comentário. Ainda hoje, na França ou em outros países, organizam-se seminários, encontros, debates; reúnem-se os textos publicados em todos os países para compor volumes completos de “ditos e escritos”; discute-se para saber se convém ou não publicar este ou aquele trabalho inédito [...]. (ERIBON, [1989] 1990, p. 11).

Não é um exagero dizer que “toda a filosofia de Foucault é uma pragmática do múltiplo” (DELEUZE, [1986] 2005, p. 91). É certamente impossível sintetizar em poucas páginas um projeto e um percurso tão plurais e “heterotópicos”, que até hoje assumem diferentes desdobramentos nos mais variados campos do conhecimento, como a análise do discurso, a arquitetura, o direito, a filosofia, a educação, a história, a sociologia, entre outras disciplinas. Até os “opositores” mais familiares à perspectiva foucaultiana, os marxistas e os psicanalistas, foram (e ainda são) afetados por suas análises.⁴

Suas discussões tiveram grande impacto no cenário universitário internacional e nacional. A título de exemplo, poderíamos mencionar as reflexões filosófico-políticas de Achille Mbembe, Giorgio Agamben, Judith Butler e Paul B. Preciado e os trabalhos de Ernani Chaves, Margareth Rago, Pedro de Souza, Roberto Machado. Não esqueçamos que Foucault manteve um certo contato com as universidades do país, chegando a visitar o Brasil ao menos cinco vezes, em sua maioria durante os anos de chumbo da ditadura civil-militar. Em uma dessas ocasiões, em maio de 1973, ele proferiu uma série de conferências na PUC-Rio, que foi reunida e publicada sob o título *A verdade e as formas jurídicas*. Além dessas interlocuções, o modo como Foucault trabalhou a relação entre a prisão e o arquivo judiciário foi uma influência crucial para um dos principais

³ Os aspectos fundamentais dessa crítica estão em *O que é um autor?* e *A ordem do discurso*, ambos de 1969. Atualmente, existem inúmeras notas introdutórias ao pensamento de Foucault, feitas a partir de enfoques tão múltiplos e profícuos quanto permitem as suas reflexões epistemológicas, estéticas, políticas etc. Para um primeiro encontro com o seu pensamento, cf. Dreyfus e Rabinow (1999) e os seguintes materiais audiovisuais: a) RAGO, Margareth. “Michel Foucault: a filosofia como modo de vida” (2018). Disponível em: <<https://youtu.be/PDxkX6UPKKE>>; e b) o documentário *Foucault por ele mesmo* (*Foucault pour lui-même*), colagem de entrevistas e áudios dos cursos no *Collège de France*, de Philippe Calderon, lançado em 2003 pela ARTE e pela BFC Productions.

⁴ Em *A língua inatingível*, por exemplo, Françoise Gadet e Michel Pêcheux ([1981] 2010, p. 39) enfatizam que “a articulação da relação Direito/Vida constitui um objeto recorrente da reflexão de Michel Foucault. O impressionante trabalho histórico e filosófico desse autor, que deliberadamente desenvolveu-se ao largo do pensamento marxista, traz para o interior deste último uma reação da qual é urgente saber tirar partido. O marxismo só terá a ganhar um pouco de clareza na sua própria crise”. Podemos aludir também ao ensaio *A psicanálise é um exercício espiritual? Resposta a Michel Foucault*, de Jean Allouch. Retornando à “genealogia da psicanálise” mapeada por Foucault em *A hermenêutica do sujeito*, o autor assinala o fato de que empreender uma análise é um cuidar de si, de seu próprio ser: “demandar uma análise, engajar-se nela, levá-la a termo, é ter percebido, pela insuportável graça do sintoma, que a maneira como se cuidava de si até então era calamitosa. Sigmund Freud, orientando-se pela histérica, terá inventado uma maneira inédita de cuidar de si” (ALLOUCH, [2004] 2007, p. 52-53).

movimentos de denúncia de violações dos direitos humanos do país: o *Projeto Brasil: Nunca Mais*.⁵

Foucault renovou profundamente os territórios da história e da filosofia, explorando um conjunto de temas, abordagens e conceitos até então inauditos.

É curioso, nesse sentido, que três comentadores de sua obra fizeram notações bastante diferentes sobre o lugar e o papel desses dois campos na pesquisa foucaultiana.

O historiador Paul Veyne comenta que Foucault era um filósofo que não fazia outra coisa senão praticar o método de qualquer historiador. Tal método consiste em abordar cada questão histórica em si mesma e em seu tempo. Para ele, Foucault nunca teria tratado de seu material “como um caso particular de um problema geral e menos ainda de uma crítica que visa menos o método dos historiadores do que a própria filosofia, cujos grandes problemas se dissolvem, de acordo com ele, em questão de história, porque ‘todos os conceitos devieram’” (VEYNE, 2009, p. 26).

O filósofo Gilles Deleuze, ao contrário, argumenta que ele esperava da história apenas a determinação do que era visível e enunciável em cada formação histórica, ultrapassando, em muito, o trabalho historiográfico de seu tempo: a história das ideias, dos comportamentos e das mentalidades. “A história só responde porque Foucault soube inventar, sintonizando as novas concepções dos historiadores uma maneira propriamente filosófica de interrogar, maneira nova e que dá nova vida à História” (DELEUZE, [1986] 2005, p. 58).

Por fim, o ensaísta Maurice Blanchot afirma que Foucault escrevia sobre questões eminentemente filosóficas, como o par razão e loucura, mas as tratava pelo prisma da “história e da sociologia, privilegiando [...] certa descontinuidade (um pequeno acontecimento muda muita coisa), sem fazer dessa descontinuidade uma ruptura” (BLANCHOT, [1986] 2011, p. 116).

Só teríamos a ganhar se rascunhássemos o seu perfil partindo do que Foucault certamente não era e recusando certas etiquetas que lhe quiseram impor ou fazer dizer. Esse, aliás, não era um procedimento estranho à sua própria enunciação, repleta de negações como: “não sou um escritor, nem um filósofo, nem uma grande figura da vida intelectual: sou um professor” (FOUCAULT, [1982] 1994, p. 777).

Não, Foucault não era um pensador estruturalista. Também não foi fruto de um certo “pensamento de 1968”; não era mais relativista do que historicista, nem do gênero de farejar ideologia por toda a parte. Coisa rara nesse século, ele foi, por confissão própria, um cético; um cético que acreditava unicamente na verdade dos inúmeros fatos históricos que enchem todas as páginas dos seus livros, e nunca na verdade das ideias

⁵ Na apresentação, escreve-se: “Por que a escolha dos processos da Justiça Militar como fonte básica? No livro *Vigiar e punir*, o pensador francês Michel Foucault já havia mostrado ser possível reconstruir boa parte da história de uma época através do processo penal arquivado no Poder Judiciário de cada país. A verdadeira personalidade do Estado ficava ali gravada, sob a forma de sentenças judiciais determinando torturas, esquitejamentos em praça pública, normas de vigilância carcerária, castigos ao corpo, punição ao espírito” (BNM, 1985, p. 23).

gerais. Ele não admitia qualquer transcendência fundadora. Mas nem por isso foi um niilista [...].

Foucault não foi o inimigo do homem e do sujeito humano que se julgou que fosse; considerava, simplesmente, que esse sujeito não podia fazer cair do céu uma verdade absoluta nem agir soberanamente na constelação das verdades; que só podia reagir contra as verdades de sua época ou inovar sobre elas. (VEYNE, 2009, p. 9).

Para além da recusa, há uma forma mais eficaz (e mais irônica) de traçar o perfil do autor: uma breve nota biográfica redigida aos moldes “tradicionais”.

Paul-Michel Foucault nasceu no dia 15 de novembro de 1926, em Poitiers, onde residiu durante toda sua infância e adolescência. No dia 25 de junho de 1984, morreu aos 57 anos, em Paris, devido a complicações neurológicas agravadas pela AIDS.

Seu pai, o Dr. Paul Foucault, era professor de anatomia e cirurgião prestigiado, que operava em duas clínicas de Poitiers. Segundo a tradição familiar, o filho teria que seguir o mesmo caminho trilhado pelo pai: o jovem Foucault deveria se tornar médico.

Não se submetendo a esse destino, ele foi morar em Paris no outono de 1945, entrando em contato, desde então, com importantes nomes do cenário intelectual pós-guerra. Sem dúvida, um dos encontros mais decisivos foi com o filósofo Jean Hyppolite, que ministrava na época um curso sobre *A fenomenologia do espírito*, de Hegel. O impacto do ensino de Hyppolite na vida e na obra de Foucault não é ignorável. Lembremos, por exemplo, do colóquio que ocorreu em sua homenagem em 1969 na École Normale Supérieure. Nele, Foucault apresentou o estudo “Nietzsche, a genealogia, a história”, reconhecido como ponto de partida de sua aventura genealógica. Obviamente, outros nomes foram extremamente importantes em seu itinerário, a exemplo de Georges Canguilhem, Jacques Lacan e Louis Althusser.

Licenciado em filosofia e em psicologia pela Sorbonne nos anos de 1948 e 1949, Foucault foi sobretudo um professor que exercia a profissão em diferentes instituições da França ou do exterior, como a Universidade de Túnis e a Universidade da Califórnia em Berkeley. No começo da década de 1970, ele assumiu a antiga cadeira de Hyppolite no Collège de France, onde ministrou uma série de cursos de temas variados, de 1970 a 1984.

Sua extensa produção oral e escrita é uma referência indispensável em cursos de filosofia e de ciências humanas e sociais. A obra ainda é comentada, editada, reeditada e traduzida em várias partes do mundo, mais de trinta e cinco anos após a morte do autor. Se, por um lado, é verdade que a sua “doutrina” é muito mais nítida nos dez volumes dos *Ditos e Escritos* e nos *Cursos do Collège de France* do que nas obras principais, por outro, essas obras parecem condensar os aspectos capitais do seu programa arqueológico e genealógico. Entre os principais livros, estão:⁶

- *Maladie mentale et personnalité* (1954), revisado e republicado sob o título *Doença mental e psicologia* (1962);
- *História da loucura na idade clássica* (1961);
- *Gênese e estrutura da antropologia em Kant* (1961);

⁶ Para uma bibliografia mais completa, cf. a página: <http://www.foucault.ileel.ufu.br/foucault/bibliografia>.

- *O nascimento da clínica* (1963);
- *Raymond Roussel* (1963);
- *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (1966);
- *A arqueologia do saber* (1969);
- *Isso não é um cachimbo* (1973);
- *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão* (1973);
- *Vigiar e punir: história da violência nas prisões* (1975);
- *História da sexualidade:*
 - v. 1 – *A vontade de saber* (1976),
 - v. 2 – *O uso dos prazeres* (1984),
 - v. 3 – *O cuidado de si* (1984),
 - v. 4 – *As confissões da carne* (2018);
- *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita* (1978);
- *Le désordre des familles. Lettres de cachet des Archives de la Bastille au XVIIIe siècle* (escrito em coautoria com a historiadora Arlette Farge) (1982).

Desde o primeiro grande estudo, a tese de doutorado *A história da loucura na idade clássica* (1961), Foucault inovou a pesquisa histórica de seu tempo, ao abordar indiretamente a experiência da loucura: “refazer a história desse processo de banimento é fazer a arqueologia de uma alienação” (FOUCAULT, [1961/1972] 2010, p. 81).

O autor não visava estudar e classificar as “doenças mentais”. Seu objetivo era mostrar como a existência dos loucos e associais foi suscitada, na idade clássica, a partir de um gesto de segregação implementado por um simples decreto administrativo (e não por grandes batalhas ou disputas monárquicas). Tal gesto estabeleceu uma linha separatória entre a razão e a desrazão, os razoáveis e os irrazoáveis, nos transcursores flutuantes e moveções dessa formação histórica.

A experiência da loucura não é universal, mas situada historicamente. O que chamamos de loucura no século XVII difere radicalmente daquilo que antes ou depois foi assim designado. A partir desse trabalho, Foucault respondeu a uma radical exigência de descontinuidade, herança da tradição filosófica de Canguilhem. Diante dessa exigência, ele enunciaria que até mesmo a “continuidade é apenas o fenômeno de uma descontinuidade” (FOUCAULT, [1961/1972] 2010, p. 106).

Se a passagem dos leprosários esvaziados para as casas de internação foi o objeto de *História da loucura na idade clássica*, o autor se voltou para a transformação do olhar médico sobre o corpo e a doença no seu estudo subsequente: *O nascimento da clínica*. Traçando uma “história sistemática dos discursos” (FOUCAULT, [1963] 1998, p. XVI), o livro mostra como a anatomia patológica e a clínica acarretam distribuições variáveis entre a dimensão do visível e a do enunciável. Além disso, o debate se encaminha para a emergência de uma passagem da saúde à normalidade, na qual a oposição entre “normal” e “patológico” foi contemporânea à formação das ciências do homem.

Na célebre obra destinada à arqueologia das ciências humanas, *As palavras e as coisas* (1966), Foucault argumentou que o conceito de signo é submetido ao estatuto das descontinuidades históricas. Entre elas, o autor se deteve, por exemplo, em um

deslocamento crucial sobre a concepção de linguagem operada entre os séculos XVII e XVIII – especialmente a partir dos jansenistas de Port-Royal, Antoine Arnault e Claude Lancelot, e de Étienne Bonnot de Condillac. Delimitando as grandes malhas epistêmicas que subordinam a noção de signo, Foucault mostrou que, se o percurso da similitude ao “índice” preservou o seu antigo modelo triádico, os ideólogos e a Lógica de Port-Royal, ao contrário, instauraram um novo modelo, diádico e regido pelo campo da representação (da coisa, da ideia, do pensamento).

Na segunda metade da década de 1960, a mudança do estatuto da linguística frente às ciências humanas e os acontecimentos políticos de maio de 1968 conduziram a um cenário explosivo onde os nomes de Saussure, Freud, Marx e Nietzsche foram constantemente convocados como fundamento paradoxal para a emergência de um “novo” conceito: o discurso. Antes dessa conjuntura, as ciências humanas se definiam através de um corte correspondente a determinados níveis da análise linguística. Todavia, o sujeito ainda era ingenuamente confundido com o indivíduo psicossomático que proferia o dizer. Por outro lado, a filosofia moderna, ao reduzir o sujeito ao puro *eu falo*, desnudava-o de seus atributos antropológicos e psicológicos, mas a profunda transformação da experiência da linguagem que essa operação comportava ainda não havia sido dimensionada. Pensar o enunciado *eu falo* implicava, portanto, abandonar o antigo pressuposto de que a linguagem seria a comunicação de um sentido ou de uma verdade por um sujeito que é seu titular e responsável (AGAMBEN, [1998] 2008). Ao abandonar tal pressuposto, o trabalho de Foucault interrogou o estatuto do “enunciado” no puro fato de ele ter lugar e o sujeito como a “inexistência, em cujo vazio prossegue sem trégua a expansão [indefinida] da linguagem” (FOUCAULT, [1966] 2009, p. 220).

Em *A arqueologia do saber* (1969), vertiginoso balanço da abordagem arqueológica de seus primeiros estudos, Foucault trouxe a famosa asserção de que o arquivo histórico demarca, em uma dispersão temporal, o sistema geral de formação e de transformação dos enunciados (termo que, na obra, ganha um estatuto único, diferente das concepções correntes da gramática e da linguística), juntamente com o sistema de funcionamento das coisas (o monumento). O arquivo define, em uma temporalidade, a existência de discursos, ao mesmo tempo, múltiplos e singulares, impossibilitando a redução da história a uma perspectiva contínua, unívoca e linear. Sem dúvida, o autor parece se opor aqui às duas principais técnicas empregadas pelos arquivistas de seu tempo: a formalização e a interpretação (DELEUZE, [1986] 2005). Se a arqueologia pode ser definida, *grosso modo*, como a disciplina dos arquivos, tal programa mostrou que o arquivo remete necessariamente às formações históricas, não unificando jamais as séries dispersas e descontínuas, mas estabelecendo relações múltiplas de regularidade em meio a diferentes campos enunciativos, inseparáveis de um espaço de raridade.

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados singulares. Mas o arquivo é, também o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em sua massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando

outras contemporâneas já estão extremamente muito pálidas. (FOUCAULT, [1969] 2008, p. 152).

Alguns anos depois, Foucault difundiria as balizas de uma nova abordagem, genealógica, com a publicação de *Vigiar e punir* (1975), provavelmente sua obra mais lida e comentada. Tal projeto, aliás, põe em cena uma nova concepção do poder como imanência, visão diferente da concepção marxista de forma-Estado e da hipótese repressiva, vigente nas práticas “psi” (psicologia, psiquiatria e psicanálise) de seu tempo.

A partir desse marco, as relações entre discurso, poder e subjetividade constituiriam, cada vez mais, um de seus principais eixos de pesquisa.

Um dos objetivos centrais de *Vigiar e punir* é dar os primeiros passos na direção de um estudo sistemático da formação da subjetividade moderna, através de uma história “correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico-judiciário onde o poder de punir se apoia, recebe suas justificações e suas regras, estende seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade” (FOUCAULT, [1975] 2009, p. 26).

Disciplina foi o nome daquilo que irrompeu com a dissolução da melancólica festa das execuções públicas. Não se trata de uma história de uma domesticação do corpo pela lei, mas do rápido e massivo desaparecimento do corpo supliciado em praça pública a partir das leis que encerraram as execuções na Europa e nos Estados Unidos, na passagem do século XVIII e XIX. Em poucos anos, o corpo se tornou alvo de processos de homogeneização e correção, processos disciplinares que existem para punir e normalizar os sujeitos, tornando-os úteis e dóceis. O modelo das casas de detenção seria, então, disseminado para outras instituições disciplinares: a fábrica, a escola, o exército etc.⁷

Esse conjunto de discussões foi continuado, evidentemente com outros matizes, termos e materiais em *A vontade de saber* (1976), primeiro volume da *História da sexualidade*. Não se trata de uma catalogação das sexualidades existentes, mas de um olhar para os dizeres sobre o sexo, sobre a relação intrincada entre poder e vida. É nesse programa que Foucault ampliaria os debates sobre a passagem da soberania ao modelo disciplinar, elaborando novas formas de pensar a relação do poder com os corpos (o biopoder) e com a “biopolítica” das populações. Em ambos os casos, o que está em jogo é a relação paradoxal entre o direito e a vida instaurada como novo objeto de poder.

Aliás, não é trivial que o desaparecimento global dos suplicios e da pena de morte tenha sido consubstancial ao aumento dos holocaustos, à eliminação massiva do “inimigo” visto como um “perigo biológico” (DELEUZE, [1986] 2005).

⁷ Muitos anos antes, o espaço recortado, imóvel e vigiado da peste constituiu um modelo compacto do dispositivo disciplinar, amplamente descrito em *Vigiar e punir*. De forma bastante condensada, Foucault propôs a seguinte fórmula: “a lepra e sua divisão; a peste e seus recortes”. Se o “exílio do leproso” e a “prisão da peste” não se excluem, elas também não comportam um mesmo sonho político. Sendo, portanto, distinta dos procedimentos de exclusão da lepra (e, depois, da loucura) nas sociedades de soberania, a peste impôs uma nova ordem discursiva. Tal ordem, espacial e serial, estruturava um regime de quarentena e confinamento, a partir de uma distribuição dos indivíduos entre vivos, doentes e mortos. Cada cidadão deveria permanecer em sua casa. Cada rua era colocada sob a ordem de um síndico, responsável pelo exame e fiscalização.

Nesses movimentos, Foucault sentiu a necessidade de voltar às formações gregas para pensar uma relação diferente com o poder e com o governo de si e dos outros.

Ao atravessar, a sobrevoo, os pontos dispersos de algumas de suas produções, o próprio ato de enumerar os grandes temas de Foucault e as regularidades de sua pesquisa pode culminar em uma listagem tão monstruosa quanto o “atlas do impossível” de Jorge Luís Borges, citado no célebre prefácio de *As palavras e as coisas*.

A lista de suas muitas multiplicidades: a razão e a loucura; Kant e Nietzsche; o império do olhar; a exclusão e o internamento; o signo e os paradoxos da representação; a invenção recente do homem; o desaparecimento (dos enunciados, dos espetáculos do suplício, do autor...); as positividades; a alma moderna (a prisão do corpo); o corpo e suas resistências; os sonhos literários e políticos da peste ou, ainda, outros sonhos, a exemplo da *Oneirokritika*, de Artemidoro; as instituições e os espaços outros (os antigos leprosários, o asilo psiquiátrico, a clínica, a prisão, a escola, mas também o espelho e a nau dos loucos); o poder e seus exercícios; o saber e seus regulamentos; o regime dos prazeres; os enunciados sobre a sexualidade; a hermenêutica (antiga ou moderna); a subjetividade; os cínicos; etc. etc.

As séries (des)contínuas são matizadas e permeadas por um estilo e por uma enunciação singulares, que é impossível dimensionar num curto espaço, como o deste perfil. Tais séries se imbricam, se desdobram, se disseminam, desaparecem e reemergem sob outras formas, frequentemente inesperadas, nas malhas de sua letra e no fulgor de suas imagens. Elas não são forjadas em uma escrita branca e neutra, mas em monumentais quadros (para empregarmos uma palavra que o fascina desde o início); quadros barrocos ou modernos que inauguram cada livro, telas grandiosas com as quais Foucault tinge o visível, iluminando as visibilidades de cada tempo, “como se fossem quadros, e como se Foucault fosse um pintor” (DELEUZE, [1986] 2005, p. 88).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ALLOUCH, Jean. **A psicanálise é um exercício espiritual? Resposta a Michel Foucault**. Campinas: Unicamp, 2014.
- BLANCHOT, Maurice. Michel Foucault tal como eu o imagino. In: _____. **Uma voz vinda de outro lugar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- ERIBON, Didier. **Michel Foucault: 1926-1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FOUCAULT, Michel [1961]. **História da loucura: na idade clássica**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FOUCAULT, Michel [1963]. **O nascimento da clínica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- FOUCAULT, Michel [1966]. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- FOUCAULT, Michel [1966]. O pensamento do exterior. In _____. **Ditos & Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel [1969]. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel [1969]. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel [1969]. O que é um autor? In: _____. **Estética, literatura e pintura, música e cinema (Ditos e Escritos III)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a. p. 264-298.
- FOUCAULT, Michel [1975]. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009b.
- FOUCAULT, Michel [1976]. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. 2. ed. Campinas: RG, 2010.
- PEREIRA NETO, André de Faria. Foucault, Derrida e a *História da loucura*: notas sobre uma polêmica. **Cad. Saúde Pública**, v. 14, n. 3, Rio de Janeiro, p. 637-641, 1998.
- VEYNE, Paul. **Foucault**: o pensamento, a pessoa. Lisboa: Texto & grafia, 2009.

Artigo recebido em: nov. de 2020.

Aprovado e revisado em: dez. de 2020.

Publicado em: dez. de 2020.

Para citar este texto:

RIBEIRO, Thales de Medeiros Ribeiro. Michel Foucault [Perfil biobibliográfico]. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Perfil Biobibliográfico, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 22, p. 300-308, jul. - dez. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol22pagina300a308>